

COLÓQUIO - LIVROS DE VIAGENS: ENTRE CONHECIMENTO DO MUNDO, CRIAÇÃO E DOMINAÇÃO

Organização: CHAM — Centro de Humanidades / NOVA FCSH – Grupo Informação, Leitura e Formas de Escrita e Grupo Estudos Transculturais, Literários e Pós-Coloniais, em colaboração com a Biblioteca Nacional de Portugal

Coordenação: Daniel Melo, Fernanda Maria Guedes de Campos e Margarida Rendeiro

Local: Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal, Campo Grande 83, Lisboa

Datas: 20 e 21 de setembro de 2023 das 15h às 18h

Resumo

Os livros de viagens constituíram, ao longo de séculos, um género narrativo multifacetado onde a Literatura se cruza com a História, a Antropologia, a Ciência. Com maior ou menor pormenor descritivo, com mais ou menos efabulação, o viajante que faz o relato da sua experiência pretende dar a conhecer a um público interessado o que testemunhou na sua viagem. O advento da imprensa trouxe novas perspectivas para a divulgação dos livros de viagens que tinham circulado em cópias manuscritas. Os «descobrimientos marítimos», o encontro e confronto com o Outro e o interesse em divulgar informação e criar conhecimento, resultaram num progressivo apuramento narrativo e representativo, estimulado pelo recurso a imagens, por forma a agradar ao prospetivo leitor. E também contribuíram para se criar outras formas de dominação (simbólica, sociocultural, territorial), que foram manejadas pelos Estados e certos sectores políticos e sociais como modo de afirmação, simbólica, política, geoestratégica, etc.

Os principais géneros de relatos reportam-se a viagens de peregrinação, de expansão religiosa, de conquista, de comércio, de exploração geográfica e científica, de lazer e turismo, não esquecendo as viagens ficcionais. Quanto aos formatos editoriais podemos considerar, entre outros, os diários, os guias, a correspondência epistolar e também relatos científicos e narrativas literárias de escritores-viajantes. O advento das novas tecnologias abriu a porta aos “viajantes digitais” levando o conhecimento de lugares, culturas e sociedades a uma partilha ativa de experiências e imagens e, no limite, a novos modelos de livros de viagens.

Neste Colóquio pretendemos questionar a importância dos Livros de viagens em distintas épocas e sociedades, a sua divulgação e receção por diversos públicos e o impacto do paradigma digital neste género literário. A apresentação de estudos de caso será, ainda, uma oportunidade para debater conceitos, modelos narrativos e estereótipos.

Dia 20 de setembro

15:00/16:30

Abertura – João Luís Lisboa, Diretor do CHAM / NOVA FCSH

Ana Paula Avelar (CHAM / NOVA FCSH): *“Modelos de uma escrita de viagem e as Venturas de uma infeliz viagem atlântica a da nau Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcântara”*

Rui Loureiro (CHAM / NOVA FCSH): *“«Quem ler os livros que eu li»: Aproximações à biblioteca de Fernando Oliveira”*

Maria Luísa Cabral (Investigadora independente): *“Ir a Roma em 1750: impactos indelévels de uma viagem”*

Fernanda Maria Guedes de Campos (CHAM / NOVA FCSH): *“As “delícias” censuradas: um olhar sobre Espanha e Portugal no século XVIII”*

16:30/18:00

Ana Raquel Fernandes (CEAUL/ULICES, Universidade Europeia): *A poética da viagem em Hélia Correia: um percurso sobre a memória pessoal coletiva e literária*

Isabel Araújo Branco (CHAM / NOVA FCSH): *“Viagens e revoluções na narrativa de Alejo Carpentier”*

Elizabeth Olegário (CHAM / NOVA FCSH): *Poesia de viagens (Lendo Arménio Vieira)*

Dia 21 de setembro

15:00/16:10

Catarina Nunes de Almeida. (CEC/UL): *“Retomar os passos, seguir a senda: os itinerários quinhentistas revisitados pelas narrativas de viagem publicadas hoje em Portugal”*

Margarida Rendeiro (CHAM / NOVA FCSH): *“Viagem de Desaprendizagem, Escuta Decolonial e Hospitalidade Incondicional em Alexandra Lucas Coelho”*

Maria de Fátima Outeirinho (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/ UP): *“Modelo(s) narrativo(s) e protagonismo leitor. Reflexões a partir de Jalan, Jalan: uma leitura do mundo de Afonso Cruz”*

16:30/17:40

Everton Machado (CEC/UL): *“O Oriente não é mais do que um “harém”: a viagem de Eça ao Egipto”*

Rogério Puga (CETAPS/CHAM): *“Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas: Os (Guias dos) Panoramas de Leicester Square como Escrita de Viagens”*

Joana Rodrigues (NOVA FCSH): *“Flora Tristán na Praia, Cabo Verde”*

Encerramento – Paula Ochôa (Coordenadora-Linha temática “Paradigma digital” CHAM / NOVA FCSH)

Resumos

1. Ana Paula Avelar

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: Modelos de uma escrita de viagem e as Venturas de uma infeliz viagem atlântica a da nau Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcântara

Resumo: Será a partir do traçar daqueles que foram os modelos de escrita de viagem desde o século XVI ao XVIII que analisaremos o modo como um autor, Elias Alexandre e Silva, escreveu a sua *Relação, ou noticia particular da infeliz viagem da nau de sua Magestade Fidelissima-Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcantara do rio de Janeiro para a cidade de Lisboa...*(1778). Paradigmaticamente este discurso traça a memória de uma viagem marítima, pretendendo ser um discurso exemplar para aqueles que navegavam o Atlântico, assinalando as precauções que se deveriam em tais viagens. Contudo, a exemplaridade deste relato ultrapassa esta dimensão e inscreve-se num quadro mais geral, o de um tempo, em que se vive as turbulências de conflitos vários no espaço brasileiro e de mudanças políticas no reino de Portugal. Através da análise daquele que poderá surgir como um algo simples relato de uma viagem descodificam-se teias político-sociais que o autor, Elias Alexandre e Silva, veladamente alude ao fechar a sua obra com um ode a José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho e Melo e ao dedicar esta sua notícia a José de Seabra da Silva, ambas figuras marcantes do governo de Sebastião de Carvalho e Silva. Revelar como através de um escrito de viagem, um pequeno opúsculo que visa criticar/elogiar um presente, se descodificam as teias de um tempo é o propósito primeiro e último deste ensaio.

2. Ana Raquel Fernandes

(CEAUL/ULICES, Universidade Europeia)

Título: A poética da viagem em Hélia Correia: um percurso sobre a memória pessoal coletiva e literária

Resumo: A poética da viagem, invocando a viagem no espaço real e simultaneamente metafísico, caracteriza a obra de Hélia Correia, manifestando-se, em particular, na ficção breve e nos romances da autora. A partir da análise de *Lillias Fraser* (2001) e *Um Bailarino na Batalha* (2018) pretende-se refletir sobre os modos de representação da viagem e as diferentes formas de deslocação empreendidas pelos protagonistas dos romances: a geográfica, a do sujeito em relação a um outro, e a da intertextualidade através da escrita. A leitura, de natureza comparatista, permitirá um diálogo com outros espaços temporais e históricos da memória pessoal coletiva e literária, proporcionando uma reflexão sobre a importância e significado da viagem na ficção e na contemporaneidade.

3. Catarina Nunes de Almeida

(Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Título: Retomar os passos, seguir a senda: os itinerários quinhentistas revisitados pelas narrativas de viagem publicadas hoje em Portugal

Resumo: Se sobrevoarmos o *corpus* da literatura de viagens produzida em Portugal na viragem do milénio, sobretudo se atentos aos elementos paratextuais de maior destaque (títulos, subtítulos, capas), não parece difícil concluirmos que um número significativo de obras continua a ser orientado por temas antigos, que atravessam as letras portuguesas há pelo menos dois séculos, a saber: a pesquisa identitária e a interpretação da memória colectiva nacional. Os títulos, desde logo, apontam para uma lógica de citação de viagens anteriores – os escritores seguem “nos passos de”, “na rota de”, “na senda de”. Tomando como exemplo as obras de Gonçalo Cadilhe, *Nos Passos de Magalhães. Uma Biografia Itinerante* (2008), de Leonor Xavier, *Uma Viagem das Arábias – Na Rota dos Portugueses em Omã, Emirados Árabes Unidos, Babilónia, Jordânia e Egípto* (2011), e de Joaquim Magalhães de Castro, *Na Senda de Fernão Mendes Pinto* (2013), será possível observar que as fontes documentais e as figuras ligadas à história marítima continuam a ser promovidas a referências ecuménicas. Na minha apresentação procurarei mostrar que, no seu conjunto, tais narrativas obedecem essencialmente a um impulso de confirmação ou de reconhecimento – muitas vezes, o Eu viajante não procura nada de novo, nada de declaradamente estrangeiro, mas um diálogo com as próprias raízes identitárias e com os textos que sustentam a afirmação heróica da História.

4. Elizabeth Olegário

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: Poesia de viagens (Lendo Arménio Vieira)

Resumo: O espaço sempre foi uma temática da literatura cabo-verdiana. Este trabalho objetiva analisar o livro *O poema, a viagem e o sonho* (2009), de Arménio Vieira para mostrar como a poesia exprime um desejo de lugares reais e imaginados. Buscaremos através da poética armeniano ver como a linguagem recria espaços e apresenta lugares. O poema é, portanto, o primeiro deslocamento do autor para fora de si e é através de uma poética que se constitui no trânsito que o poeta nos conduzirá nesta viagem. Em *O poema, a viagem e o sonho* viajar não está necessariamente ligado a um espaço físico, o poema é uma abertura para o mundo e a cultura é um instrumento que pode nos auxiliar nesta descoberta.

5. Everton V. Machado

(Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Título: O Oriente não é mais do que um “harém”: a viagem de Eça ao Egípto

Resumo: No século XIX português – embora Portugal não detivesse colónias no Médio Oriente –, o harém não apenas estimulava a fantasia dos escritores, como também lhes permitia, por razões identitárias, demarcar-se civilizacionalmente dos povos de para lá do Mediterrâneo, à semelhança do que se vinha fazendo no resto da Europa, em plena era de afirmação de poder. Explica-o bem aquilo que Alain Grosrichard designou como se tratando da “ficção do despotismo asiático”, originada em Quinhentos e teorizada durante o Iluminismo, em virtude da ameaça que o Império Otomano significava para os europeus. É interessante constatar como o encontro “real” do romancista Eça de Queiroz (1840-1900) com o Egípto – que até lá se deslocou para assistir à inauguração do Canal de Suez em 1869

– não só não conseguiu desfazer tal fantasia (a despeito de a crítica tradicional considerar Eça como uma voz original no âmbito da representação dos povos não-europeus), como ainda reforçou o sentimento de superioridade civilizacional.

6. Fernanda Maria Guedes de Campos

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: As “delícias” censuradas: um olhar sobre Espanha e Portugal no século XVIII

Resumo: No século das Luzes assistiu-se a uma “revolução” sociocultural assente no aumento de uma população com gosto pelos livros e na conseqüente multiplicação de obras e edições acessíveis. Os livros de viagens, que já representavam um género literário importante, exemplificam essa “revolução” por satisfazerem um crescente público leitor, interessado em conhecer novos lugares e gentes. Os guias e relatos de viagem, num estilo de escrita acessível, podiam ter sucesso, sobretudo se acompanhados de gravuras. Neste campo, situam-se as “Delices”, título muito usado em guias descritivos de países ou cidades, feitos por viajantes. Escolhemos, como exemplo, a obra “Les délices de l’Espagne et du Portugal” (1715), em 5 volumes. Várias vezes editada, não se conhece o autor do texto, apenas o dos desenhos que deram origem às excelentes gravuras. A edição saiu das oficinas do famoso Pieter van der Aa, em Leide. O estilo descritivo dá lugar, especialmente no 5º volume, a considerações filosóficas e críticas na visão do “outro” e dos seus costumes e práticas, e a obra foi proibida pela Mesa Censória. Pretendemos, nesta comunicação, analisar a estrutura narrativa e apresentar as “delícias” e as “não delícias”, especialmente de Portugal, e descobrir a imagem do “outro” que se pretendeu transmitir.

7. Joana Rodrigues

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: Flora Tristán na Praia, Cabo Verde

Resumo: No ano de 1833 Flora Tristán embarca em uma viagem que a leva de França, o país onde nasceu, até ao Peru, a terra da família paterna que viria a conhecer pela primeira vez já na idade adulta. Os encontros com os seus desconhecidos familiares peruanos não constituiriam, porém, os únicos confrontos que Tristán viria a ter com o outro no decorrer da sua longa viagem até ao continente americano. Após deixar para trás o seu país natal, é na cidade da Praia, em Cabo Verde, que ocorrem as primeiras experiências da autora em um lugar onde tudo lhe é estranho, especialmente a população local. Com base na obra *Peregrinations d’Une Paria*, publicada em 1838, o objetivo da presente comunicação é fazer uma análise das descrições de Flora Tristán a respeito do porto cabo-verdiano, assim como das imagens dos habitantes da cidade da Praia, com especial foco nos africanos e escravizados.

8. Isabel Araújo Branco

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: Viagens e revoluções na narrativa de Alejo Carpentier

Resumo: A viagem e a deslocação física e temporal está presente em várias obras do cubano Alejo Carpentier (1904-1980), nomeadamente em *El reino de este mundo* (1949), *Los pasos perdidos* (1953), *El siglo de las luces* (1962), *Concierto barroco* (1974), *La consagración de la primavera* (1978) e *El arpa y la sombra* (1979), textos em que se apresenta uma proposta de mundo e de futuro com um importante impacto junto dos leitores. Nesta comunicação analisamos a forma como os viajantes criados por Carpentier se vão formando enquanto humanos, nomeadamente a partir da relação com o outro e com as várias sociedades conhecidas, que se expressa também na relação com várias artes.

9. Margarida Rendeiro

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: Viagem de Desaprendizagem, Escuta Decolonial e Hospitalidade Incondicional em Alexandra Lucas Coelho

Resumo: O presente artigo discute as narrativas de viagem de Alexandra Lucas Coelho ao espaço não europeu (Médio Oriente e México). Nelas, desconstroem-se as visões do sujeito viajante eurocentrado. Argumenta-se que em narrativas, tais como *Viva México*, *Oriente Próximo*, *Caderno Afegão* ou *Líbano Labirinto*, se mostra o tanto que a razão e a curiosidade cosmopolitas (Santos, 2002; Appiah, 2006) desconstroem o olhar e o conhecimento eurocêntricos para assumir o dever ético de hospitalidade absoluta e incondicional perante o Outro (Derrida, 2003). A viagem constitui o esforço decolonial de desaprendizagem de uma mundivisão e conceitos eurocentrados. Através da escuta, cria espaço para que outras histórias possam ser narradas em nome próprio, desafiando a simplificação do olhar e conhecimento eurocêntricos, os últimos redutos coloniais europeus. O olhar eurocêntrico torna exóticas as vidas não europeias, em particular as das mulheres não europeias, enquanto a sua desconstrução decolonial abre-se como espaço de hospitalidade incondicional à subjetividade e individualidade.

10. Maria de Fátima Outeirinho

(Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa)

Título: Modelo(s) narrativo(s) e protagonismo leitor. Reflexões a partir de *Jalan, Jalan: uma leitura do mundo* de Afonso Cruz

Resumo: A obra *Jalan, Jalan: uma leitura do mundo*, na desafiante experiência de leitura não linear que propõe, pelo poder dado ao leitor na escolha (difícil) de diferentes percursos de leitura a convidar a uma constante deslocação em vaivém (em *zapping*), assenta na exploração de modelos combinatórios e participativos que lembram, de algum modo, a condição e papel do leitor do livro-jogo ou do *producer* numa cultura digital, permitindo afinal explorar toda a potencialidade (infinita?) do narrável (Calvino, 1990) que, antes da emergência e desenvolvimento de uma hipertexto digital, Borges já antecipava. Será, pois, a partir deste Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, 2019, e das pistas que ele nos lança, que procuraremos refletir sobre possibilidades de metamorfose, diversidade de declinações dos livros de viagem.

11. Maria Luísa Cabral

(Investigadora independente)

Título: Ir a Roma em 1750: impactos indelévels de uma viagem

Resumo: De Portugal parte para Roma, em Fevereiro de 1750, uma delegação de frades franciscanos para participar no Capítulo Geral da Ordem Terceira. Responsável pela delegação, Frei Joaquim de S. José deixará pormenorizado diário, uma porta aberta para compreender em boa medida o futuro do jovem Frei Manuel do Cenáculo que o acompanhava. Um futuro dividido entre as obrigações eclesiásticas e o amor pelos livros; um futuro com influência directa e visionária no panorama das bibliotecas em Portugal.

12. Rogério Puga

(CETAPS/ CHAM / NOVA FCSH)

Título: Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas: Os (Guias dos) Panoramas de Leicester Square como Escrita de Viagens

Resumo: Até 1842, Macau foi a única porta de entrada e lar de ocidentais na China, bem como um espaço privilegiado para o intercâmbio cultural sino-ocidental. A partir sobretudo do século XIX, o enclave é representado por diversos pintores e fotógrafos anglófonos, nomeadamente no Panorama de Leicester Square, em Londres, onde, em 1840-1841, é exibida uma paisagem terrestre e fluvial da península, em plena Guerra do Ópio, conflito através do qual a Grã-Bretanha media, na altura, foças com a China. O panorama e o guia que influencia a ‘viagem’ virtual do visitante inscrevem a presença britânica na China na história de Macau através da imagem de barcos de guerra europeia no delta do rio das Pérolas, de personagens e de espaços britânicos nessa cidade. O momento dessa exibição em Londres, a metrópole imperial, não é inocente, e o presente estudo analisa o contexto dessas mesmas viagens e performance ideológica e (de poder). Colonial. Destinados ao público doméstico, interpretando o panorama e o guia como informação visual e escrita estratégica sobre um território administrado por Portugal que se manteve neutral durante o referido confronto bélico e que fora cobiçado várias vezes por militares e comerciantes britânicos.

13. Rui Loureiro

(CHAM / NOVA FCSH)

Título: «Quem ler os livros que eu li»: Aproximações à biblioteca de Fernando Oliveira

Resumo: Fernando Oliveira (c.1507-c.1585) foi uma das mais curiosas figuras do nosso século XVI. Homem de formação religiosa, aparentemente vocacionado para a tranquilidade dos claustros dominicanos, teve contudo uma vida movimentada, que ainda não está totalmente desvendada. Paralelamente a atividades típicas de um homem letrado (ensino de

primeiras letras, traduções de clássicos latinos, publicação de uma *Grammatica da linguagem portuguesa* em 1536), a sua biografia integra episódios mais aventurosos e menos comuns entre humanistas (pilotagem de navios franceses e ingleses, processo inquisitorial, expedições militares ao Magrebe). Entretanto, Oliveira destaca-se sobretudo como um especialista em questões náuticas, que estudou demoradamente, e sobre as quais redigiu diversas obras manuscritas, para além de ter publicado uma *Arte da guerra do mar* (Coimbra, 1555). O único manuscrito conhecido do seu *Livro da fábrica das naus* (c.1580) conserva-se na BNP. Mas existem outros manuscritos da sua autoria, e nomeadamente uma *Ars nautica* (c.1570), guardada numa biblioteca de Leiden. Nas suas produções escritas, Fernando Oliveira cita e/ou utiliza uma importante bibliografia, que inclui uma alargada panóplia de autores antigos e modernos. A presente comunicação pretende abordar o universo livresco de Fernando de Oliveira, incluindo não só os seus próprios escritos, mas sobretudo os muitos livros que cita ou utiliza nas suas obras e que teria consultado ou mesmo possuído.

Notas Biográficas

Ana Paula Menino Avelar é Professora Associada com Agregação na Universidade Aberta, investigadora integrada no CHAM- Centro de Humanidades (UNL-UAç), investigadora associada no CH e CEC da FLUL. Coordenou e participou em projectos nacionais e internacionais. É autora de ensaios, capítulos e livros nas áreas dos Estudos Históricos, Asiáticos, Cultura Portuguesa e os estudos sobre o Orientalismo tanto em publicações nacionais como internacionais. Entre os livros destaca-se a publicação em 2022 de *Veredas da Modernidade-Escrevendo o Mundo no Portugal de Quinhentos* (Colibri). Para além de coordenar vários cursos de graduação e acompanhar vários projectos de pós-doutoramento, lecciona em cursos de graduação e pós-graduação, orientando teses e dissertações. É membro de várias academias, pertencendo neste momento à direcção da Academia de Marinha.

Ana Raquel Fernandes é Professora Auxiliar na Universidade Europeia, Lisboa, e investigadora integrada no CEAUL – Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, onde coordena o Grupo de Investigação Outras Literaturas e Culturas de Expressão Inglesa (GI4). As suas áreas de interesse incluem o romance e o conto na ficção contemporânea de autoras portuguesas e britânicas. É autora de *What about the Rogue?* (Honourable Mention ESSE Book Award 2012), organizou o volume *Narrative Strategies in the Reconstruction of History* (2018) e co-organizou *The Power of Form: Recycling Myths* (2015), *Storytelling: Memory, Love and Loss in Portuguese Short Fiction* (2016), e *Beyond Binaries: Sex Sexualities and Gender in the Lusophone World* (2019), entre outros volumes. Publicou ainda diversos artigos e capítulos de livros sobre diferentes aspetos da ficção contemporânea britânica e portuguesa e organizou um número especial intitulado ‘Writers of the Millennium: Trends and Challenges’ na revista científica *American, British and Canadian Studies* (vol. 35: 2020): <https://sciendo.com/issue/ABCSJ/35/1>.

Integra a equipa de dois projetos financiados pela FCT: *WomenLit (Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro / Women’s Literature: Memories, Peripheries and Resistance in the Luso-Afro-Brazilian Atlantic* (PTDC/LLT-LES/0858/2021) e *Remembering the Past, Learning for the Future: Research-Based Digital Learning from Testimonies of Survivors and Rescuers of the Holocaust* (ID 740639658).

Catarina Nunes de Almeida é investigadora contratada no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde coordena o subgrupo «ORION – Orientalismo Português». É também docente na mesma Faculdade. Entre os

trabalhos académicos que tem produzido, destacam-se as obras «Migração Silenciosa: Marcas do Pensamento Estético do Extremo Oriente na Poesia Portuguesa Contemporânea» (2016), «Pars Orientalis. Estudos sobre Escrita e Viagem» (2022), bem como a edição do volume de ensaios «Clepsidra, 1920-2020. Estudos e Revisões» (2020). É ainda autora de seis livros de poesia.

Elizabeth Olegário é estudante de doutoramento em Estudos Portugueses, com Especialização em História do Livro e Crítica Textual, na Faculdade de Ciências Humanas. Da Universidade Nova de Lisboa. A sua investigação é financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT/PT (SFRH/BD/145768/2019). É investigadora integrada no Grupo de Informação, Leitura e Formas de Escrita no CHAM. É licenciada em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN- Brasil) e Mestre em Comunicação e Culturas dos Media pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB-Brasil). Membro da COST Action 18126 - “Writing Urban Places – New Narratives from the European City”, do grupo Ensino, Diferença e Produção da Subjetividade, na Universidade de Pelotas (UFPel) - Rio Grande do Sul, Brasil e membro da direção da ABIC (2023-2025)

Everton V. Machado é Investigador Principal (equiparado a Professor Associado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Docente da área de Literaturas, Artes e Culturas da mesma faculdade. Integrado no Centro de Estudos Comparatistas, foi o seu vice-director entre 2016 e 2019. Doutorou-se em Literatura Comparada pela Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV em 2008. Entre as suas publicações encontram-se *O Orientalismo Português e as Jornadas de Tomás Ribeiro: caracterização de um problema* (Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2018), finalista do Prémio PEN Clube de 2019 na categoria Ensaio, e uma edição científica do primeiro romance de língua portuguesa da Índia, *Os Brahmanes* (1866) de Francisco Luís Gomes (Paris, Classiques Garnier, 2012). Está a co-organizar o volume *Colonial Periodical Press in the Portuguese Empire: Theorising Approaches*, previsto para publicação na coleção Routledge Studies in Cultural History.

Fernanda Maria Guedes de Campos é investigadora integrada doutorada do Centro de Humanidades - CHAM / NOVA FCSH, onde é membro do Grupo Informação, Leitura e Formas de Escrita, desde 2014. É investigadora associada do CEHR – Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica de Lisboa. As suas áreas de interesse são História do Livro, das Bibliotecas e da Leitura, em Portugal no Antigo Regime. Publicou *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. (Caleidoscópio, 2015).

Joana Rodrigues é licenciada em Tradução pela Universidade Nova de Lisboa, com especialização em inglês e espanhol, e mestre em Línguas e Culturas Modernas pela mesma instituição, com uma dissertação intitulada *Flora Tristán e o confronto entre ideologia e preconceitos raciais*. As suas principais áreas de interesse são a Literatura de Viagens e os Estudos sobre as Mulheres.

Isabel Araújo Branco é Professora Associada na Universidade NOVA de Lisboa. É investigadora integrada do CHAM — Centro de Humanidades (NOVA FCSH—UAc), de que actualmente é subdirectora. Participa no projecto do portal «Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI)-EDI-RED» da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. É membro do Grupo de Investigación en Literatura Contemporánea (GILCO) (Uni. Alcalá) e participa no projecto «Transficción: La Literatura de la transición democrática española y las narrativas transicionales europeas» (Uni. Zaragoza). Colabora com o Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa). Recebeu o Prémio Científico Internacional Mário

Quartin Graça 2015, concedido pela Casa da América Latina (Lisboa) pela sua tese de doutoramento. Entre outros, publicou *Recepção literária das literaturas hispano-americanas em Portugal* (Münster, LIT, 2021) e *Tradução e edição de obras hispano-americanas em Portugal* (Berlin, Peter Lang, 2020).

Margarida Rendeiro é investigadora integrada no CHAM / NOVA FCSH, Lisboa. PhD (2008) em Estudos Portugueses pelo King's College, Londres. A sua investigação foca os estudos literários e culturais em língua portuguesa, formas de resistências e estudos de mulheres. É IR do Projeto *Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro* (PTDC/LLT-LES/0858/2021) e coorganizou *Challenging Memories and Rebuilding Identities* (Routledge, 2019).

Maria de Fátima Outeirinho é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona nas áreas dos Estudos Franceses, da Didática de Línguas e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento. Entre 2019 e 2021, coordenou o grupo Inter/transculturalidades no quadro do projecto *Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão* do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, unidade da qual é coordenadora científica desde 2022. Tem como principais domínios de investigação a Literatura Comparada, Literatura e Cultura Francesas (Séculos XVIII e XIX), Relações Literárias e Culturais Portugal-França, Estudos sobre as Mulheres, Literatura de Viagens e Didática de Línguas.

Maria Luísa Cabral é doutorada pela NOVA FCSH, tem desenvolvido investigação na área do livro e das bibliotecas, estando particularmente interessada no desenvolvimento estrutural destas. Para além de alguns artigos, publicou *Até Roma: uma viagem com devoção, longa e árdua: Diário de Frei Joaquim de S. José em 1750* (Biblioteca Nacional, 2011) e *A Real Biblioteca e os seus criadores: em Lisboa, 1755-1803* (Biblioteca Nacional, 2014).

Rui Loureiro é doutorado em História pela Universidade de Lisboa (1995). Actualmente é professor do ISMAT - Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, e investigador do CHAM — Centro de Humanidades, um centro de investigação da Universidade Nova de Lisboa. É também membro da Academia de Marinha. É autor de mais de uma centena de publicações académicas (incluindo livros, capítulos de livros, artigos em revistas científicas, comunicações em actas de colóquios, etc.) sobre a história das relações de Portugal e Espanha com o mundo asiático nos séculos XVI e XVII, e também sobre a história dos livros e das bibliotecas na mesma época. Tem-se ainda dedicado à edição de textos portugueses e espanhóis desta época sobre o mundo asiático.